

Reconstruindo a significação: perspectiva de reconhecimento

Nesta parte do trabalho, apresentamos os diferentes mecanismos modais por meio dos quais é reconstruída a significação dos enunciados construídos. Assumimos, então, o espaço enunciativo de co-enunciador e tentamos desvendar, desvelar a significação construída nos artigos de opinião. Assim, nesta parte, diferentemente do capítulo anterior, não apenas explicitamos as operações subjacentes à construção dos enunciados, como também o percurso modal construído pelo enunciador.

Para tanto, propusemos uma sistematização/generalização, tendo em vista o compartilhamento de certas regularidades, para os valores modais construídos em artigos de opinião, que contivesse uma abordagem mais generalizante, ou seja, que não incluísse apenas características de um ou outro artigo. Esses artigos, que se constituíram um corpus especial para tal tarefa, foram publicados em fevereiro deste ano no Brasil e em Portugal. Mas é certo que chegar a uma sistematização dos valores modais só nos foi possível após um estudo de certa forma exaustiva de todos os corpora utilizados.

Antes de iniciarmos a análise, apresentamos algumas considerações de ordem teórico-metodológica.

Inicialmente, é bom recordar que a modalização é

uma das operações enunciativas constitutivas da asserção em sentido lato e constrói valores modais de que a asserção estrita, positiva ou negativa, é um dos valores possíveis, em alternativa com a interrogação, a ordem, a dúvida, etc. (Campos, 1998, 24).

O fato de o estudo se referir à modalidade não significa que não recorremos a outras categorias gramaticais para dar conta da tarefa de reconstruir a significação; e isso já ficou claro em outras partes deste estudo. Dentre essas categorias identificamos as relações anafóricas, que estabelecem retoma parcial ou, às vezes, total entre termos localizadores e termos localizados, tão importantes na construção da tessitura textual. Não estaremos tratando especificamente dessas

relações, mas como muitas vezes tratamos de marcadores que estabelecem referências anafóricas, entendemos que essas questões deviam ser incluídas.

Podemos, também, verificar que, na co-enunciação, ao reconstruirmos a significação, coloca-se em jogo uma série de operações de produção e reconhecimento interpretativo revelando relações que se afiguram nada simétricas, ou no dizer de Fuchs (1984, 80), que nos releva ser a co-enunciação precisamente o lugar do “jogo” (no sentido duplo deste termo), quer dizer, ajustamentos, voluntários ou não, sucedidos ou não; desvios, lapsos, mal entendidos, ambigüidades que não são “parasitas” da comunicação, ou “ruídos” sobre o fundo informativo claro, mas fazem parte integrante da atividade da linguagem.

Podemos assumir, como é dito em Culioli, que o co-enunciador integra a construção dos valores referenciais de um texto, se pensarmos que o enunciador, à medida que vai produzindo o seu texto, vai igualmente adequando os valores que constrói à reconstrução que ele próprio antecipa.

Assim, ao construir a significação, o enunciador põe, no jogo intersubjetivo, o que Culioli designa por *modulação*.

A modulação é concebida como a modificação qualitativa do domínio sobre o qual ela incide (Culioli, 1968, 334), como a sobreposição de uma significação sobre uma outra significação (Culioli, 1973, 85), e concretiza a passagem do “signo” ao “símbolo”, quer dizer do domínio do descontínuo, do estável e do arbitrário ao domínio do contínuo, do análogo, do instável e do motivado (Culioli, 1968, 112-113; e 1971, 68-69). A modulação permeia a valorização de certos traços ou elementos e finaliza “ponderando” de modo variável os vários constituintes do enunciado (Culioli, 1999a, 81).

Nessa medida se concentra nossa proposta de analisar os enunciados, numa tentativa de aproximar nossa reconstrução o mais possível da significação construída, considerando essas questões de modulação, já que não há enunciados não modulados e *as modulações são precisamente o vetor das variações intersubjetivas (idem)*.

7.1

Proposta para artigos de opinião

Constatamos que existem, perfeitamente identificáveis nos artigos de opinião com os quais trabalhamos, e outros que lemos como atividade inerente ao processo acadêmico ou à aquisição de conhecimentos, dois macroplanos modais: o **plano do validado** e **plano do validável**³³.

No primeiro, temos os enunciados no âmbito do constatado, assumido e/ou apreciado (nos moldes da modalidade apreciativa), pelo autor do artigo. São, principalmente, os enunciados que contextualizam o leitor no conhecimento que vai ser avaliado, contestado, contra-argumentado, enfatizado etc. Esse domínio corresponde, assim, a um juízo de valor através do qual o enunciador (S_0) constata a existência de um estado de coisas, e, para tal, constrói para o co-enunciador (o leitor) uma contextualização da polêmica sobre a qual será emitida a opinião.

Compõem esse cenário, igualmente, os enunciados que constroem o processo argumentativo em que o enunciador assume a total responsabilidade pelos conhecimentos construídos para provar a tese que está desenvolvendo.

No domínio do validado, as validações das relações predicativas são construídas, principalmente, por meio das ‘asserções’ ou das ‘apreciações’, ou seja, com os diferentes valores epistêmico-assertivos ou epistêmico-apreciativos. Esse plano define-se, enfim, como em o enunciador assumir o conhecimento que constrói, em um estado de coisas, ou seja, o locutor, sujeito modal, produtor do artigo de opinião, constrói linguisticamente ocorrências de relações predicativas, sob a forma de valor modal epistêmico com **asserções** ou **apreciações**, nos termos da conceituação desses valores modais já vista neste trabalho em capítulo anterior.

Temos, assim, construções em termos ‘quantitativos’ e ‘qualitativos’, já que na modalidade epistêmica se constroem enunciados em diferentes graus e classes de ocorrências de uma relação predicativa numa interpretação, portanto, quantitativa, quando se realiza uma asserção. Já a apreciação, que se aproxima do valor modal epistêmico, daí temos designado epistêmico-apreciativo, na medida

³³A escolha de tal nomenclatura tem motivação no termo ‘validação’ (da relação predicativa), empregado na teoria enunciativa de Culioli. Mais adiante retomamos esse termo para uma tomada de posição pedagógica.

em que ambas estão metalingüisticamente exteriores à relação predicativa modalizada, é de natureza qualitativa (Campos, 2004, 271).

As interrogações integram esse plano se se tratarem de interrogações retóricas, em que há, na verdade, a construção de asserções; ou se se tratarem de interrogações didáticas, que figuram como organizadoras textuais, como já verificamos em capítulo anterior. As outras interrogações compartilham das características do plano do validável, conforme veremos a seguir.

Já no plano do validável, constroem-se enunciados em que o enunciador propõe a solução para o problema apresentado que se caracterizou a partir da explicitação da polêmica, podendo indicar uma mudança no comportamento criticado ou aconselhar uma maior reflexão sobre o tema. Nesse plano, ainda, o enunciador explicita uma nova perspectiva para o estado atual apresentado no domínio do validado.

É designado ‘plano do validável’ porque está ainda numa possibilidade de realização, num plano fictício construído, não dependendo, para tornar-se realidade, do produtor do artigo de opinião. Muitas vezes, a solução é o resultado de uma ilação, ou uma inferência, realizada pelo autor do artigo.

Há nesse plano o desejo de construção de um estado de coisas sob a forma de **asserção**, **apreciação**, **necessidade** (nos termos da modalidade deôntica) ou **hierarquização** (nos termos da modalidade axiológica).

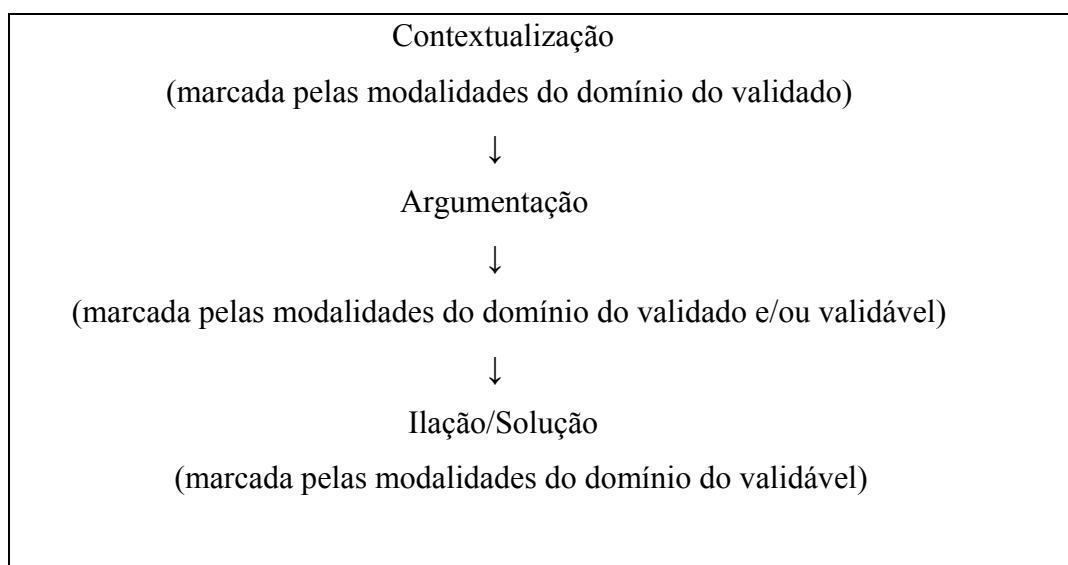
A ‘asserção’ e a ‘apreciação’ se aproximam da conceituação já explanada para o plano do validado, acrescentando-se que serão validadas num tempo posterior ao da Sit₀ para que se caracterizem esses valores modais no domínio do desejo de realização ou da apreciação um estado de coisas.

A ‘necessidade’ corresponderá ao desejo de que um dado estado de coisas sofra ou não sofra modificação. Esse valor modal encerra uma atitude deôntica do enunciador objetivando mudança no encaminhamento da solução para a polêmica central apresentada no artigo de opinião.

A ‘hierarquização’ se projeta nos termos da modalidade axiológica, ou seja, há uma preocupação em justificar o encaminhamento para o problema mencionado no tema do artigo recorrendo a valores religiosos, morais, políticos, éticos etc.

As modalidades do plano do validável são construídas em enunciados, em geral, já no final do artigo.

Uma topologia que caracteriza, mais regularmente, um artigo de opinião apresenta três momentos discursivos básicos: uma **contextualização**, nitidamente marcada nos primeiros enunciados, que se definem modalmente no plano do validado; uma **argumentação**, que inclui enunciados dos dois planos, o validado e o validável, dependendo dos objetivos e da proposta-tese que o enunciador deseja evidenciar; e uma **ilação/solução**, em que apresenta uma proposta, uma solução para se dar conta da polêmica criada, muitas vezes concluída por raciocínio inferencial. Assim, temos:



Podemos também sintetizar a proposta para um quadro das modalidades de artigo de opinião da seguinte forma:

‘MODALIDADES NOS ARTIGOS DE OPINIÃO’	
<u>Plano do validado</u>	constatação de um estado de coisas sob a forma de:
	ASSERÇÃO
	APRECIAÇÃO
<u>Plano do validável</u>	desejo de um estado de coisas sob a forma de:
	ASSERÇÃO
	APRECIAÇÃO
	NECESSIDADE (nos termos da modalidade deôntica)
	HIERARQUIZAÇÃO (nos termos da modalidade axiológica)

Os valores da asserção poderão ser considerados nos termos escalares de valores epistêmicos: asserção estrita (valor máximo, testemunhal); asserção fraca (inferência, probabilidade); e asserção mínima (possibilidade, não exclusão) (Rodrigues, 2001, 53). As relações predicativas construídas no plano do validado serão, mais marcadamente, assinaladas pelo valor modal máximo da asserção. No plano do validável, o enunciador apresentará asserções com maior incidência no âmbito da inferência ou da possibilidade, excluídas as contruídas com valor de necessidade ou hierarquização em que o enunciador aponta uma solução mais diretiva para o problema.

Para a compreensão do percurso modal construído nos diferentes artigos, destacamos os enunciados em **dois** desses momentos: da **contextualização** e da **ilação/solução**. Isso se justifica porque, normalmente, temos mais bem caracterizados o plano do validado nos primeiros enunciados e o plano do validável nos últimos enunciados.

7.1.1

Plano do validado

Selecionamos a seguir os enunciados que compartilham das características da construção da ‘contextualização’ pelo autor do artigo de opinião, compreendido, assim, como sujeito enunciador ou simplesmente enunciador (S_0), para que o seu leitor conheça/compreenda o assunto ou tema de que ele vai tratar.

DO TEXTO 1

“A semana passada publiquei um texto no meu blogue, onde, a propósito do próximo Congresso do PSD, reflectia sobre a importância da organização estatutária dos partidos, enquanto instrumento mobilizador e moralizador da actividade política”. (Luís Filipe Menezes)

O enunciador valida as relações predicativas deste enunciado, objetivando enfatizar uma contextualização do assunto sobre o qual vai falar. Para que o co-enunciador compreenda essa contextualização, destaca-se a localização temporal: o enunciador marca, a partir do tempo da enunciação (da produção do artigo), T_0 , um conjunto de localizações verbais que vai modalizando e caracterizando o domínio do validado.

Destaca-se, também, a localização da referência de futuro marcada na construção de ‘próximo Congresso do PSD’. Assim, assinalam-se três marcadores temporais (de anterioridade: o pretérito perfeito e o imperfeito; e de posterioridade: ‘próximo Congresso do PSD’), localizados a partir do tempo de enunciação.

A construção do verbo no imperfeito evidencia, interessantemente, uma simultaneidade em relação ao pretérito perfeito que deve ser destacada. Temos, na verdade, duas localizações em relação a T_0 , mas o que distingue as duas é o caráter aspectual do imperfeito. Tendo o imperfeito um significado aspectual de continuidade, a duração do marcador ‘reflectia’ pode corresponder à duração abstrata até T_0 e continuar indefinidamente.

As modalidades que se destacam são do domínio da constatação de um estado de coisas sob a forma de asserções.

Há que se destacar, ainda, no enunciado o caráter condicional marcado por ‘enquanto’. Temos um valor de condicional do tipo ‘se p, então q’. Ou seja, ‘se for utilizada como ‘instrumento mobilizador e moralizador da actividade política’, a organização estatutária dos partidos será importante.

DO TEXTO 2:

“Não é necessário ser jurista para entender que está em curso um processo de alterações legislativas que configura o mais sério risco de limitação à liberdade de imprensa desde Abril de 1974. E espanta que os patrocinadores dessas inovações sejam o Governo e os deputados do Partido Socialista, que justificadamente reclama o título de combatente de primeira linha em prol desse património fundamental de uma democracia pluralista.” (Mário Bettencourt Resendes)

O enunciador inicia seu discurso de contextualização com uma construção, aparentemente, de valor modal intersujeitos (‘Não é necessário’), mas que nos parece com valor verdadeiramente epistêmico. Assim, nessa linha de raciocínio, o enunciador não assinala a intersubjetividade e sim contextualiza o leitor dizendo, de certa forma mitigada, que qualquer um pode entender o ‘que está em curso’, não precisa ‘ser jurista’.

A seguir constrói dois verbos no presente (‘está’ e ‘configura’), mas que não localizam uma simultaneidade em relação ao momento da enunciação (T_0). Há a marcação de um tempo cujo valor aspectual assinala anterioridade, ou seja, o ‘processo de alterações legislativas’ vem antes do tempo de enunciação do sujeito modal; continua simultâneo a esse momento; e pode também corresponder a uma duração abstrata além de T_0 .

DO TEXTO 3

“A primeira ronda de negociações sobre o futuro do estatuto do Kosovo terminou hoje, em Viena, sob a supervisão das Nações Unidas e do seu enviado especial, o finlandês Martti Ahtisaari. Foram precisos sete anos, desde a guerra de bombardeamentos da NATO, para se chegar até aqui.” (Luísa Meireles)

Ao desenhar a contextualização, o enunciador assinala, claramente, com a construção de ‘terminou, hoje’, que o tema a ser desenvolvido, ou a ser opinado, é contemporâneo, dizendo respeito a todos os leitores, daí a ênfase em ‘hoje’. Destaque-se que esse ‘hoje’ é pretérito em relação ao momento da enunciação, que corresponde à enunciação do autor do artigo, já que o enunciador está localizando-o em relação a ‘terminou’.

Há ainda a construção de um conhecimento, destacado na duração do evento, ou seja, ‘Foram precisos sete anos’ para que se amadurecesse e se chegasse a uma negociação.

Vale destacar, ainda, que o marcador ‘aqui’ também não está construído em relação ao tempo da enunciação (T_0) e, sim, em relação a ‘terminou hoje’.

Assim, há uma relação anafórica entre ‘hoje’ e ‘aqui’, ambos estando localizados temporalmente anterior à Sit_0 . A construção do pretérito perfeito, ao caracterizar o tempo da narrativa, vai localizar igualmente a construção da contextualização do tema para o leitor.

DO TEXTO 4

“O governo intervém no mercado para reduzir o preço do álcool e termina por aumentar a gasolina. No final da história, os dois preços estão mais caros pela razão mais simples: o consumo de álcool, açúcar e petróleo está em alta no mundo todo”. (Carlos Alberto Sardenberg)

O enunciador constrói, inicialmente, dois verbos no presente que assinalam, interessante, duas localizações anteriores ao momento da enunciação de S_0 . Assim, o presente em ‘intervém’ é anterior a ‘termina’, que, por sua vez, é anterior a T_0 .

Esses dois verbos assinalam, ainda, valores aspectuais de ação que se repete várias vezes em diferentes momentos político-econômicos. É como se estivesse contando uma história para ilustrar a contextualização, em que os três pontos de localização temporal (anterioridade, simultaneidade e posterioridade) são coincidentes. Isso vai ocorrer, igualmente, com os verbos ‘estão’ e ‘está’, que, igualmente construídos no presente, marcam o que sempre ocorre quando há uma ação governamental na área de combustíveis, mas se diferenciam do valor modal de ‘intervém’ e ‘termina’, que determinam, conseqüentemente, a localização aspectual e temporal de ‘estão’ e ‘está’. Aliás, toda esta fase de contextualização é construída sob a forma de causas e conseqüências. Vejamos isso topologicamente:

‘o governo intervém no mercado’



conseqüência

‘termina por aumentar a gasolina’



conseqüência

‘os dois preços estão mais caros’

Para ‘os dois preços estão mais caros’ há, ainda, mais uma relação de causa e consequência:

‘o consumo de álcool, açúcar e petróleo está em alta no mundo todo’



conseqüência

‘os dois preços estão mais caros’

Em função de o autor trabalhar com a alternância causa/conseqüência, podemos observar, ainda, que há uma característica aspectual de ‘está’ e ‘estão’ que deve ser considerada. O verbo ‘estar’ é marcado pela aspectualidade de não faseável, que se opõe, por exemplo, à ocorrência progressiva do tipo ‘estar + gerúndio’ ou ‘estar a + infinitivo’. ‘Faseável’ se caracteriza pela possibilidade de ser convertível a processo e se opõe a não faseável.

Quanto à possibilidade de faseamento, é interessante ainda ressaltar que ‘intervém’ e ‘termina’ nos dá, igualmente, a idéia de ‘faseamento’, mesmo não tendo, normalmente, esse valor aspectual.

DO TEXTO 5

“Esquerda, direita. Essas noções já fizeram mais sentido. Estou falando, evidentemente, dos conceitos políticos e não das referências espaciais, as quais, apesar das rápidas transformações, por que o mundo vem passando, permanecem relativamente claras.

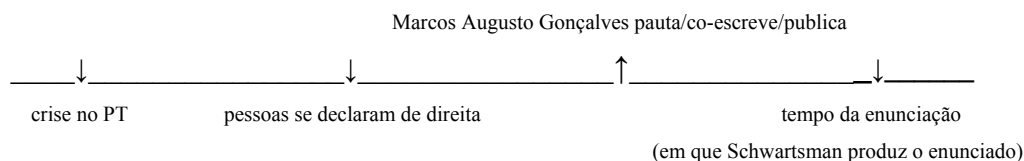
Explicarei melhor aonde quero chegar. Na semana passada, meu amigo Marcos Augusto Gonçalves, que agora edita a Folha Ilustrada, pautou, co-escreveu e publicou uma interessante reportagem em que falava do surgimento de uma nova direita no Brasil. A crise que atingiu o PT estaria fazendo com que as pessoas perdessem o medo de declarar-se "de direita". (Hélio Schwartzman)

A contextualização começa a se desenhar na primeira parte do enunciado com a discussão da dicotomia ‘esquerda’ e ‘direita’, tema central do artigo.

A seguir o enunciador, marcando um ponto de localização em relação à Sit_0 , com a construção de ‘Na semana passada’, introduz o momento em que estará contextualizando para o leitor o assunto a ser tratado.

Há um interessante jogo de localizações aspecto-temporais que vale explicitar. S_0 trabalha com verbos no pretérito perfeito, no presente, no futuro do presente, imperfeito, futuro do pretérito. Começando por ‘fizeram’, em que a localização temporal é anterior, temos um valor aspectual perfectivo que assinala uma ação já concluída, que ficou no passado, naturalmente. Passando à construção de ‘Estou falando’, S_0 , como se estivesse numa conversa com o leitor, retorna ao tempo presente, delimitando seu campo temático.

Como integrante do complexo aspecto-temporal, há construção de uma posterioridade contextual em ‘Explicarei’, em que o significado modal do verbo nos remete ao presente e não a um sentido de posterioridade. É um futuro discursivo em que o enunciador e co-enunciador vivenciam simultaneamente, já que a explicação está logo a seguir. Na seqüência, vem a contextualização propriamente dita. Podemos representar as localizações temporais no seguinte esquema:



No esquema, verificamos que as ações (ocorre a crise no PT; pessoas se declaram de direita; na semana passada, Marcos Augusto Gonçalves pauta/co-escreve/publica) estão em anterioridade com o tempo da enunciação (em que Schwartzman produz o enunciado).

Podemos, entretanto, fazer ainda algumas observações para melhor compreender a contextualização construída. No enunciado, temos uma seqüência temporal em que, mesmo sendo construído o futuro ('estaria'), num tempo já passado, o conhecimento (as pessoas estão se dizendo de direita por causa da crise no PT) pode estar durando até o tempo da enunciação do co-enunciador, pois, sabemos, a crise continua e vai continuar, considerando que há ainda muita polêmica em torno da significação de direita/esquerda.

Outra observação diz respeito ao presente em 'agora edita', em que há uma ambigüidade. Esse marcador se refere ao momento de Sit_0 , simultâneo ao momento da produção do artigo de opinião, ou anteriormente a esse localizador temporal, já na semana passada? Parece-nos, a princípio, que, na semana passada, Marcos Augusto Gonçalves não era o editor da Folha Ilustrada.

DO TEXTO 6

"Os recentes episódios envolvendo a publicação de caricaturas do profeta Maomé em jornais da Dinamarca, com violenta reação de seus atuais seguidores e até manifestações de solidariedade do governo Bush - cujos atos não têm denotado especial respeito às convicções islâmicas, no Iraque e no Afeganistão - merecem algumas reflexões paralelas". (Ives Gandra Martins)

A contextualização fica caracterizada por um conjunto de asserções. A questão central, a proposta-tese, também está explicitada nesse enunciado e construída no presente com o verbo ‘merecem’.

Há que se destacar o valor modal do outro verbo construído no enunciado que é ‘têm denotado’. Essa construção verbal destaca o caráter de marcação de o aspecto não tender para o fim da ação. Assim, em ‘têm denotado’ assinala um funcionamento [+ télico] do evento. A telicidade diz respeito à forma como são representadas as situações, incluindo ou não sua conclusão. No caso em pauta, tem-se, além da crítica ao governo Bush, a representação da não conclusão do evento destacado.

7.1.2

Plano do válido

Apresentamos agora os enunciados que caracterizam o momento da ‘ilação/solução’. Retiramos esses enunciados do final de cada artigo, mas, sabemos, que na argumentação existem enunciados com valores modais semelhantes de asserção, apreciação, necessidade ou hierarquização, mas não representam, canonicamente falando, a atitude do enunciador no sentido de dar conta da solução ou conclusão para a questão, geralmente polêmica, que está sendo discutida.

DO TEXTO 1

“O PSD reúne, em Março, o Congresso. É uma boa oportunidade para regressar às características que o fizeram o maior e o mais português de todos os partidos políticos: coragem, premonição e atitude reformista. Antes que seja tarde.”(Luís Filipe Menezes)

Há a marcação do futuro, logo no início do enunciado, como uma forma de assinalar um ‘lembrete’, mas com significado de necessidade, pois assinala o momento em que deverá haver mudança na situação atual; apesar de o verbo estar

no presente, o localizador temporal ‘em Março’ é que marca a idéia de posterioridade.

A construção de uma apreciação em ‘É uma boa oportunidade...’ mascara, de certa forma, uma construção deôntica que revela a necessidade de ‘regressar às características...’.

Na conclusão do enunciado, o enunciador constrói, agora declaradamente, um valor modal de necessidade e, ao mesmo tempo, indica e sinaliza para um valor axiológico, já que caracteriza como valores importantes ‘coragem’, ‘premonição’ e ‘atitude reformista’.

DO TEXTO 2

“Enquanto os jornalistas não criarem as condições, organizacionais e normativas, tendentes à existência de um sistema auto-regulatório que não passe à margem de sanções efectivas, continuará aberta a via para que outros se lhes substituam. Com os resultados que estão agora à vista...” (Mário Bettencourt Resendes)

A solução para a questão discutida está na criação, obrigatoriamente, de condições organizacionais e normativas. Isso caracteriza a modalidade da necessidade. É a forma de o enunciador encaminhar a solução para o problema que está discutindo, ou seja, explicitando uma determinada ação para tal.

É interessante destacar o valor modal da construção ‘Enquanto os jornalistas não criarem as condições’ que apresenta, na verdade, uma condição para se alcançar a solução mencionada. O localizador temporal ‘enquanto’ marca um determinado espaço de tempo não cronológico e sim virtual e condicional.

DO TEXTO 3

“A convivência não parece possível tão cedo e a solução da independência - se se concretizar – vai ter de fornecer sérias garantias à minoria sérvia, coisa com que, até agora, os albaneses não se preocuparam. Um cenário de êxodo maciço selaria o fracasso da intervenção ocidental e acabaria de vez com o sonho de um Kosovo multiétnico acalentado pela ONU. Seguramente por causa disso, as forças internacionais vão ter de se manter por lá por uns bons anos. É isso que os albaneses admitem como **«independência condicional»**. O que este «condicional» custará à comunidade internacional - leia-se Europa que, em breve, vai ter de garantir sozinha a segurança na região, tal como já o faz na Bósnia, é que ainda se vai ver. Alguém vai ter de garantir que o Kosovo não se vai unir à Albânia e, já agora, que não se abram precedentes de «nações étnicas». “(Luísa Meireles)

Este artigo de opinião apresenta uma particularidade na conclusão: a solução para a polémica, que o autor explicita e sobre a qual opina, não é construída no último parágrafo e, sim, no penúltimo parágrafo. Neste enunciado, então, o sujeito enunciadador modaliza as relações predicativas, construindo enunciados em vários graus assertivos.

Logo no início, ao construir ‘A convivência não parece possível tão cedo’, o enunciadador já revela um certo grau de certeza, mesmo com a negativa antepondo o verbo ‘parecer’, pois, logo a seguir, apresenta um valor de necessidade, obrigatoriedade, com a construção ‘vai ter de fornecer’.

Temos, na seqüência do enunciado, na construção do plano fictício, em ‘selaria’ e ‘acabaria’, outras confirmações do plano do validável: S_0 constrói, num plano paralelo ao enunciativo, a validação daquilo que considera necessário para dar conta da solução. Constrói, ainda, a ilação com a relação de causa e consequência em ‘Seguramente por causa disso’, em que, mesmo com o marcador ‘seguramente’, essa ocorrência lingüística marca uma construção do plano do validável, já que, a seguir, com a expressão verbal modalizada ‘vão ter de se

manter’, no futuro, com valor de necessidade, expressa o seu ponto de vista, não ainda concretizado.

Já, a seguir, há um distanciamento com uma asserção mais enfraquecida com a construção do mediativo em ‘É isso que os albaneses admitem como **«independência condicional»**’, ou seja, são os albaneses que admitem e não, ele, S₀. O recurso às aspas também é marcador de mediativo.

Outro valor modal que assinala o plano do validável está marcado na construção do futuro ‘custará’, que destaca uma previsão e não uma certeza, que vai ser confirmada com a expressão ‘é que ainda se vai ver’.

O autor conclui o enunciado ratificando a modalidade do necessário, que caracteriza quase toda a conclusão do artigo, com ‘Alguém vai ter de garantir’.

DO TEXTO 4

“A escolha é sempre difícil. É sempre melhor, porém, em vez de tentar barrar as forças do mercado, deixá-las funcionar pelo bom motivo de que geram riqueza e empregos. Mas é preciso cuidar, aí sim, com ações públicas, dos que são alijados. No caso, por exemplo, uma política de retreinamento e recolocação dos cortadores.” (Carlos Alberto Sardenberg)

Logo no início do enunciado há a construção de uma asserção em que o enunciador começa a introduzir o plano do validável. Quando diz que “A escolha é difícil” mostra que existem muitos caminhos e a construção daquele escolhido, já consagrado, portanto validado também pelo enunciador, deverá seguir alguns critérios. Esses critérios, de certa forma deônticos, serão expostos, de forma direta e indireta, a seguir quando o enunciador constrói apreciação como em “É sempre melhor...”, em que há a concretização de uma forma mitigada, indireta, de verbalizar o caráter deôntico, portanto, de necessidade; e mais diretamente com a construção de ‘é preciso cuidar’.

DO TEXTO 5

“Em tempos nos quais tudo é especialmente confuso e conceitos que nos foram familiares como o de direita e esquerda parecem perder o sentido, julgo oportuno tentar resgatá-los, ainda que para defini-los em outros termos. Não será recorrendo à noção de natureza humana que conseguiremos salvar teses ou teorias políticas em particular, mas repensar velhas idéias sob um novo ângulo é um exercício normalmente útil”. (Hélio Schwartsman)

Neste enunciado-ilação, já que há uma conclusão realizada por meio de um processo inferencial (‘Em tempos nos quais tudo é especialmente confuso e conceitos que nos foram familiares como o de direita e esquerda parecem perder o sentido’), o sujeito modal constrói um verbo no presente do indicativo indicando um evento que ultrapassa o momento da enunciação: em ‘é especialmente confuso’, há um valor semântico de generalização do ‘ser confuso’; com valor aspectual perfectivo.

O plano do validável se identifica, principalmente, com a construção de ‘parecem perder’ e ‘julgo oportuno’. A construção de ‘parecer’ se distancia da asserção estrita, construindo com a própria semântica desse verbo um valor modal de distanciamento e de imprecisão.

Já, em ‘julgo’, o enunciador constrói com esse verbo de opinião uma modalidade axiológica, em que expõe uma ‘necessidade’ a ser perseguida para se chegar a ‘resgatar’ os conceitos de ‘direita’ e ‘esquerda’. Mas, para ‘defini-los em outros termos’, ou seja, seguir uma hierarquização, nos termos da modalidade axiológica, deve-se orientar por determinados valores que os novos tempos se impõem.

DO TEXTO 6

Voltando, todavia, ao tema, estou convencido de que, nada obstante a "não violência", característica do cristão, poder atrair a preferência crítica dos que não têm coragem de exercê-la contra outras religiões, parece ser essa, ainda, a grande lição de Cristo para a humanidade, neste momento que o mundo atravessa. A paz é uma grande aspiração e só é possível obtê-la por amor. A história tem demonstrado que, em dois mil anos, com perseguições de toda a natureza – desde os tempos romanos até o marxismo e o materialismo do século 20 – essa continua sendo a melhor lição que os cristãos poderiam dar. Os que atacam a doutrina cristã e seus propagadores surgem e desaparecem, mas a mensagem de paz, de não violência, dos seguidores de Cristo - aqueles que verdadeiramente compreendem o sentido do mandamento de amar ao próximo, que Ele nos deixou – permanece, para o bem da humanidade. (Ives Gandra Martins)

O enunciador, para concluir seu artigo, objetivando dar conta da solução para o problema que o motivou, modaliza seu enunciado a partir da construção de valores modais centrados nos diferentes graus da asserção, como podemos constatar em ‘parece ser essa’, que nos leva a entender que ele não tem total certeza do conhecimento que constrói.

A construção de ‘parece’ mitiga a certeza que aparentemente ele constrói com ‘estou convencido’, o que reforça nossa tese de que, nessa parte do texto, a modalização dos enunciados de artigo de opinião se reveste de valores do domínio do válido.

O recurso do distanciamento em ‘A história tem demonstrado’, um mediativo, já que não é ele, enunciador, quem diz isso ‘é a história’, também é um evidenciador desse domínio. O mediativo vai caracterizar, no enunciado, o plano do válido, pois a ‘possível’ ilação para dar conta da questão está na compreensão e aceitação dos valores legados pela história. O enunciador constrói a modalidade axiológica, nesse caso, porque evoca os valores do cristianismo perpassados através da história.

Para concluir esta parte do capítulo, fazemos algumas considerações. Em primeiro lugar, as descrições e explicações dos enunciados confirmaram a tese de que existem duas partes discursivamente identificáveis que caracterizam os momentos de ‘contextualização’ e ‘ilação/solução’ em artigos de opinião e que as mesmas são marcadas por valores modais que incluem dois macroplanos, o do validado e o do validável.

Outra conclusão a que chegamos, nos corpora analisados, foi que não existem grandes distinções entre os dois tipos de artigos de opinião, o brasileiro e o português. Uma explicação para isso pode ser atribuída às questões de influência da globalização, pertinentes ao nosso tempo de Internet, e aos paradigmas do jornalismo impostos, de certa forma, em diferentes países do mundo ocidental. Isso pode ser comprovado já na formatação dos jornais, que estão cada vez mais parecidos em vários países.

Destacamos, ainda, que, nas análises, a eleição pela descrição e explicação de algumas operações subjacentes à construção dos marcadores modais foi motivada de forma claramente distinta nos dois momentos discursivos. Na contextualização, foram os marcadores verbais, de um modo geral, que se destacaram na análise. Já na ilação/solução, foi o tipo de modalidade que recebeu maior interesse.

7.2

Reflexão pedagógica

O exercício, na parte que se encerrou, de co-enunciador nos suscitou igualmente uma reflexão pedagógica acerca dos trabalhos que desenvolvemos tanto em atividade de docência quanto em atividade de capacitação de professores de ensino fundamental e/ou ensino médio, duas atividades que vimos desenvolvendo nos últimos vinte anos. Essas atividades têm gerado uma grande preocupação com a busca de um lugar de maior destaque para os estudos semântico-enunciativos nos meios profissionais por que passamos.

Rodolfo Ilari (2002, 11) nos diz que uma das características que levaram ao empobrecimento o ensino da língua materna é a pouca atenção que se reservou ao estudo da significação e que

o tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com “problemas” como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantas outras, que deveriam dar aos alunos um verniz de “usuário culto da língua. Esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias (...).

Assim, e a partir dos dados obtidos na análise realizada dos artigos de opinião, não poderíamos deixar de explicitar algumas posturas pedagógicas que questões ligadas ao estudo da modalidade suscitam para o ensino de língua portuguesa em qualquer nível de estudo, tendo em vista nossa preocupação com a melhoria da qualidade do ensino de nossa língua materna. Além disso, este é o lugar do encontro das teoria e prática linguísticas, como muito apropriadamente diz Campos (1994, 137):

Constato, com frequência, a existência de um desencontro ou, diria mesmo, de um mal-entendido entre investigação linguística, que se desenvolve, fundamentalmente, nas universidades e o respectivo investimento pedagógico, cujos destinatários se encontram na língua, sobretudo na aula de língua materna. Os professores da disciplina de Português deveriam ser utilizadores preferenciais dos produtos daquela investigação, porém tal não acontece, ou, de uma forma menos radical, raramente acontece.

Com respeito à importância de se refletir sobre a formação dos professores de Português e o ensino de Linguística nas Faculdades de Letras, registrem-se ainda as pertinentes idéias de Fonseca (2001, 23) que assevera que em função de uma multiplicidade de vertentes de estudo da linguagem e a diversidade de perspectivas teóricas não é pensável, e nem desejável, que haja uma uniformização dos conteúdos das disciplinas de Linguística nas várias Faculdades.

Fonseca esclarece, ainda, que os objetivos formativos a serem buscados em programas diversificados nas Faculdades de Letras, mas não constituem empecilhos para aprofundar o conhecimento da língua e a capacidade de explicitação desse conhecimento. Esses objetivos devem ir, segundo Fonseca, alargando competências de tipo metalingüístico (meta-comunicativo, meta-discursivo, meta-textual). Devem, ainda, promover o treino de observação, análise e manipulação de unidades lingüísticas, desde as unidades mais extensas (texto/discurso) às unidades mínimas; levar ao domínio de conceitos operatórios, matrizes terminológicas, instrumentos de análise, modelos

descritivos e explicativos do funcionamento da língua; e fomentar a consciência histórica da identidade e plasticidade da língua portuguesa. Contribuir, em síntese, para a aquisição de uma consciência da língua e do seu funcionamento que inclua os problemas pertinentes à relação profunda e plurifacetada (de tipo cognitivo, acional, social e afetivo) que liga um falante à sua língua materna. Essas são idéias das quais todos aqueles que se envolvem no processo de ensino da Língua Portuguesa compartilham, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Assim, incluímos algumas reflexões/sugestões que nos surgiram no desenvolvimento do presente trabalho para que nos sentíssemos bem mais confortáveis na atividade acadêmica, ou seja, para que nossa tarefa como pesquisadora contribuísse para o aprimoramento do ensino do Português.

Nos textos analisados, verificamos questões que poderiam convergir para uma nova dinâmica docente, no sentido de se trabalhar uma maior integração entre a teoria e a prática lingüísticas mencionadas acima. Assim, nosso foco didático seria direcionado para a sistematização de pontos importantes a serem apresentados aos alunos para que estes aperfeiçoassem suas atividades de construção/reconstrução da significação, objetivo que todo professor, na verdade, deseja alcançar na atividade de compreensão dos textos produzidos ou estudados, ou seja, que seus alunos compreendam efetivamente aquilo que lêem.

Assim, poderíamos sugerir que, na prática pedagógica, o professor criasse atividades que levem seus alunos a identificar e sistematizar as operações subjacentes à construção da modalidade, que, como vimos na análise dos textos dos corpora, se constitui um excelente exercício para se chegar à construção/reconstrução da significação.

Esclarecemos que não desejamos para o aluno a tarefa do lingüista: efetivar uma reflexão a partir da construção de uma linguagem metalingüística. Mas sim fazê-lo compreender os mecanismos pelos quais construímos e reconhecemos os enunciados lingüísticos. A reflexão sobre a atividade de linguagem e a compreensão de seus mecanismos, com toda a certeza, dariam uma contribuição ao aprendizado/desenvolvimento de uma língua natural e isso seria oportuno num momento em que existe uma consciência geral de que o ensino de línguas (principalmente a nativa) não anda muito bem.

Nesta parte já final do trabalho, propomos, em consonância a uma trajetória profissional ligada ao ensino do português para falantes nativos, alguns itens que poderão ser tratados com os alunos, a fim de alcançar os objetivos acima citados. Estaremos explicitando igualmente uma breve sistematização como uma sugestão de como poderia ser abordado cada conceito, alertando, contudo, que a linguagem deve ser adaptada para o aluno.

Num ponto de partida, recorrendo ao modelo de abordagem enunciativa culioliana, a perspectiva pedagógica nos indica um trabalho de reflexão acerca da atividade de linguagem, na qual, como já mencionamos, identificam-se dois pólos: o pólo do enunciador, aquele que constrói a significação, ou seja, constrói o enunciado; e o pólo do co-enunciador, aquele que reconhece/reconstrói o enunciado. Os enunciados são, dessa forma, o produto final dessa atividade de linguagem.

O conceito de “localização”, por ser fundamental na teoria culioliana, deve ser inicialmente considerado numa prática pedagógica também, pois a construção da significação é o resultado de sucessivas relações binárias de localização abstrata. E, lembrando, o que se desenha nessa consideração é que um termo ‘a’ está localizado em relação a outro ‘b’ quando sobre o primeiro termo incidem operações de localização que localizam esse termo em relação ao ‘b’, que é, assim, o termo localizador (Culioli, 1990). Isso vai ocorrer até mesmo em situações em que o termo localizador não estiver na mesma situação de enunciação. Esse é caso do pré-construído: a operação de localização está no fato de uma parte do conhecimento construído se constituir um conhecimento que foi validado em outra enunciação pelo próprio enunciador ou por outra fonte enunciativa.

Veremos, a seguir, alguns dos principais aspectos teórico-metodológicos que poderiam ser abordados.

7.2.1

A validação/não validação da relação predicativa

O modelo teórico de Culioli indica, como já dissemos, que, subjacente a qualquer enunciado, há um conjunto de três noções lexicais que constitui uma

relação primitiva que, uma vez lexicalizada e orientada, se converte numa relação predicativa. A relação predicativa resultará, assim, num enunciado porque, sujeita a operações de localização predicativas e enunciativas, adquire os valores de determinação das noções gramaticais de pessoa, número, tempo, aspecto e modalidade.

Estamos, portanto, perante uma proposta de formalização que se baseia não numa perspectiva de etiquetagem, mas sim numa perspectiva dinâmica de operações. Temos, por um lado, formas esquemáticas, isto é, um encadeamento de operações abstratas que operam em diferentes níveis; por outro, marcadores das operações que desencadeiam a construção de valores gramaticais, encontrando-se entre eles a modalidade. Se se aceitar que tanto as frases como os enunciados têm em comum uma relação predicativa – ou uma proposição – que lhes é subjacente, verifica-se como cada uma dessas unidades de análise interage, verificando-se, simultaneamente, de que modo as relações hierárquicas pressupostas no estudo da frase, ou as funções sintáticas definidas a partir de uma representação em níveis sintagmáticos, possibilitam o entendimento da relação entre as entidades lingüísticas.

É, ainda, importante destacar, na prática pedagógica, que, como as restantes categorias gramaticais decorrentes da determinação nominal ou da determinação verbal, a modalidade resulta de operações enunciativas que incidem sobre uma relação predicativa, localizando-a num espaço enunciativo, num espaço referencial, que é construído na e pela própria enunciação. Enriquecendo a descrição semântica pela inclusão dos parâmetros enunciativos abstratos sujeito e espaço-tempo, descrevemos o valor modal de um enunciado como sendo resultado da localização da relação predicativa em relação ao sujeito da enunciação (Valentim, 2002, 541).

É igualmente destacar que todos os enunciados exprimem uma dada atitude do enunciador em face a uma relação predicativa. Isto é, o enunciador pode, em diferentes graus, assumir a validação ou não validação da relação predicativa, ou ainda desresponsabilizar-se pela sua validação. Portanto, é preciso entender que todos os enunciados apresentam valores de modalidade, de tipos e graus diferentes, da mesma forma que uma mesma relação predicativa pode estar

na base de um conjunto de enunciados com valores modais de diferentes tipos e graus.

Exercícios do tipo “Faça o levantamento no texto de enunciados em que o autor assume ou não assume a validação das diferentes relações predicativas construídas” seriam interessantes, porque o aluno já compreenderia que existem construções em que o enunciador poderia validar, em função de conhecimentos que possui, e outras em que a não validação seria o recurso disponível. Diferentes textos poderiam ser utilizados para essa atividade, mas, parece-nos que o texto jornalístico é o mais adequado por oferecer muito mais claramente enunciados em que a validação depende de um conjunto de conhecimentos de que dispõe quem enuncia.

7.2.2

O conceito de asserção

O valor modal dos enunciados resulta do grau de conhecimento que o sujeito enunciador possui em relação ao acontecimento construído, ou seja, o grau de conhecimento que está na origem do juízo modal construído. É um conhecimento básico, no tocante ao valor modal epistêmico, nesta teoria enunciativa da modalidade, pois esse valor está presente na maioria dos enunciados.

Os valores modais epistêmicos são assim múltiplos, representáveis numa escala contínua de valores assertivos. O valor positivo corresponde à assunção máxima da relação predicativa modalizada, isto é, ao valor de asserção estrita e o pólo negativo corresponde ao ‘incerto’, ao grau mínimo de assunção da relação predicativa.

De um valor ao outro, como vimos no início deste trabalho, há uma sucessão de pontos identificada como domínio do ‘quase certo’, que resulta de um juízo fundado não sobre um conhecimento direto, mas sobre indícios. (Campos, 1998, 173)

Com a apropriação desses conhecimentos, poderíamos elaborar exercícios a partir dos conceitos ‘validado’, não ‘validado’, ‘validável’, ‘não validável’,

mostrando ao aluno que existem recursos lingüísticos para criar uma aproximação ou um distanciamento em relação ao conhecimento que construímos.

7.2.3

O valor modal intersujeitos: a interrogação e seus valores modais

A modalidade intersujeitos corresponde à construção de uma relação entre o enunciador e o co-enunciador, seu “*alter*”, que se pode identificar ou não com o sujeito do enunciado. Esta relação permite ao sujeito enunciador, através das suas realizações lingüísticas, agir, direta ou indiretamente, sobre o seu co-enunciador, levando-o, isto é, pressionando-o ou autorizando-o, a realizar uma determinada atividade descrita na relação predicativa. A pressão ou a autorização, mediante a qual o enunciador age sobre o co-enunciador, pode consistir num incentivo à ação. São marcadores deste tipo de modalidade o imperativo, os verbos *poder* e *dever*, desde que com valor deôntico, e a interrogação, além de outras construções verbais. Passemos a destacar mais especialmente a interrogação.

A interrogação é associada à modalidade intersujeitos, mas pode também integrar-se, conforme vimos em capítulo anterior, ao domínio da modalidade epistêmica, quando se tratar, particularmente, da interrogação retórica.

No quadro enunciativo, a interrogação resulta de uma sequência de operações. Não podendo, não sabendo ou até não querendo o sujeito enunciador construir a validação de uma dada relação predicativa, constrói antecipadamente o espaço enunciativo do seu co-enunciador para que este construa a validação pretendida.

Podemos descrever, como já dissemos atrás também, as várias operações subjacentes a esse enunciado como sendo: a) o enunciador localiza a relação predicativa (não saturada) em Sit_0 como um pré-construído (<eles comprar ()>, isto é, eles vão comprar algo); b) constrói uma classe aberta de ocorrências abstratas dos objetos que podem ocupar o lugar não preenchido na relação predicativa, construindo, assim, a operação de percurso; c) o enunciador constrói o espaço enunciativo em que o co-enunciador, constituindo-se como segundo enunciador, irá validar a instanciação de um dos elementos da classe no lugar vazio já construído.

A interrogação tem sido cada vez mais construída nos textos, principalmente nos de opinião, como pudemos constatar nos textos selecionados como corpora do presente trabalho. Os diferentes tipos podem ser um exercício para os alunos, mostrando que as diferentes formas de se construir uma interrogação tem a ver com os objetivos de quem enuncia. Os valores modais da interrogação retórica e interrogação didática se efetivam na produção de textos como alternativas de estruturar os argumentos.

É evidente que não demos conta de todas as possibilidades que poderiam ser destacadas sobre os diferentes valores modais. Apenas para concluir esta reflexão, sugerimos mais alguns pontos, que foram abordados no desenvolvimento deste trabalho e que poderão integrar a dinâmica do processo metodológico do estudo dos valores modais e, conseqüentemente da significação, de artigos de opinião ou de outro gênero textual, a saber:

- o valor modal intersujeitos, principalmente na construção de expressões como *é preciso*, *é necessário*, dos verbos *ter* em *ter de/que*, *dever* e *poder* com valor deôntico;
- os valores modais do indicativo e subjuntivo; do imperfeito e do futuro;
- as diferentes operações subjacentes à construção dos enunciados, principalmente as operações de ‘localização’ e de ‘retoma’, importantes na construção da ligação interna de um texto;
- os valores pré-construídos, principalmente no tocante à distinção entre explicativa/restritiva;
- o valor modal do *mediativo*, principalmente na construção das inferências, entre outros.

Tal proposta pedagógica não pretende ser um estudo conclusivo, mas visa primordialmente a apresentar uma reflexão que permita aos alunos a inclusão de uma abordagem semântico-enunciativa, efetivando, dessa forma, a aproximação

com a teoria e os postulados culiolianos. Ressaltamos a importância, para uma investigação sobre esses aspectos semântico-enunciativos, dos estudos efetivados pela Professora Doutora Maria Henriqueta Costa Campos e seus orientandos, hoje sob a liderança de Professora Doutora Clara Nunes Correia, que constituem o Grupo de Gramática e Enunciação do Departamento de Estudos Lingüísticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A presente reflexão compartilha com o que Ilari identificou ser ‘um vasto território da significação’ que, ainda, tem, com toda a certeza, muito a ser explorado principalmente no Brasil.